

Promoção da saúde e agravos à saúde do estagiário de fisioterapia: uma revisão de escopo

Health promotion and health problems for physiotherapy trainees: a scoping review

Henrique Nogaroto^a, Sonia Maria Marques Gomes Bertolini^b, Daniel Vicentini de Oliveira^c

a: Doutorando em Promoção da Saúde. Universidade Cesumar - UNICESUMAR, Brasil

b: Doutora em Ciências Morfológicas Universidade Estadual de Maringá - UEM, Brasil

c: Doutor em Gerontologia. Professor titular na Universidade Cesumar - UNICESUMAR, Brasil

RESUMO

O contexto de saúde no trabalho tem sido explorado pela área da saúde, com maior intensidade, nas últimas décadas. No caso do fisioterapeuta, profissional que atua na promoção da saúde e reabilitação, desde sua formação está suscetível a agravos à saúde, decorrentes do exercício e exigências do período acadêmico, a exemplo do estágio supervisionado. Nesse patamar de risco corriqueiro na vida profissional e acadêmica do trabalhador fisioterapeuta, tem-se então o papel da universidade promotora da saúde. O objetivo deste estudo foi analisar os agravos à saúde do estagiário de fisioterapia no contexto da promoção da saúde, destacando o papel da Universidade Promotora da Saúde. Desta forma, foram selecionados estudos relacionados com a temática em bases de dados online e de livre acesso: Google Acadêmico, Scielo, Lilacs, Medline, Pubmed, Portal de Periódicos CAPES e Cochrane Library. Observou-se em destaque nos estudos que o estudante de fisioterapia é submetido a estresses físicos e mentais já no período acadêmico, inclusive comprometendo diretamente o seu desempenho geral no período de estágio e qualidade de vida. Destaca-se a importância da atuação da universidade na promoção da saúde dos acadêmicos de fisioterapia. A formação desses futuros profissionais não deve negligenciar a atenção às condições de trabalho desde o período acadêmico.

Descritores: serviços de saúde universitários, saúde do estudante, estágio clínico, fisioterapeutas

ABSTRACT

The context of occupational health has been extensively explored by the healthcare sector, with increasing intensity, in recent decades. In the case of physiotherapists, professionals who work in health promotion and rehabilitation are susceptible to health hazards from the demands of academic periods, such as supervised internships, starting from their education. In this realm of common risk in the professional and academic life of physiotherapists, we have the university's role as a health promoter. The objective of this study was to analyze the health problems of physiotherapy trainees in the context of health promotion, highlighting the role of the Health Promoting University. To this end, studies related to the theme were selected from online and freely accessible databases: Google Scholar, Scielo, Lilacs, Medline, Pubmed, CAPES Periodicals Portal and Cochrane Library. It was observed prominently in the studies that physiotherapy students are subjected to physical and mental stressors already during their academic period, directly affecting their overall performance during internships and quality of life. The importance of the university's role in promoting the health of physiotherapy students is therefore highlighted. The implementation of health monitoring programs, focused on preventing health problems and promoting physical and

mental well-being, becomes essential. The training of these future professionals must not neglect attention to working conditions since the academic period.

Descriptors: university health services, student health, clinical internship, physiotherapists

INTRODUÇÃO

O contexto da saúde no trabalho tem sido cada vez mais explorado pela comunidade da saúde, particularmente nas últimas décadas. Esta tendência é evidenciada pela inclusão da saúde do trabalhador nas leis trabalhistas globais, ressaltando sua importância em documentos como a Carta de Ottawa, que busca promover políticas públicas saudáveis e ambientes propícios à saúde, reconhecendo a necessidade de atenção especial à saúde dessa população¹.

Essa nova abordagem destacou as dificuldades e necessidades dos trabalhadores, especialmente quando se consideram os riscos e impactos decorrentes de uma relação inadequada entre trabalho, saúde e indivíduo. Um exemplo claro disso é observado durante a pandemia de COVID-19, onde profissionais de saúde que estiveram na linha de frente enfrentaram sérios comprometimentos físicos e mentais devido à sobrecarga de trabalho².

Dentro da própria área da saúde, muitos profissionais enfrentam condições precárias de trabalho, muitas vezes sendo forçados a abrir mão de considerações importantes sobre sua própria saúde devido à pressão econômica e falta de apoio institucional^{3,4}. Por exemplo, os fisioterapeutas, apesar de estarem envolvidos na promoção da saúde e reabilitação, muitas vezes enfrentam questões relacionadas à falta de reconhecimento de seus direitos profissionais, como um salário mínimo nacional. Apesar de sua profissão ser reconhecida há décadas, ainda há lacunas significativas na legislação trabalhista que afetam sua prática. Essa precarização leva os fisioterapeutas a se exporem a agressões físicas e psicológicas no ambiente de trabalho, contribuindo para o aumento da incidência de estresse profissional e outros problemas de saúde mental e física⁵.

Nesse contexto, é crucial que as universidades desempenhem um papel ativo na promoção da saúde dos futuros profissionais, integrando programas de prevenção e conscientização sobre saúde ocupacional desde a formação acadêmica⁴. Esses programas podem ajudar a reduzir os riscos de lesões musculoesqueléticas e outros problemas de saúde relacionados ao trabalho durante os estágios e atividades acadêmicas⁵.

Portanto, é imperativo estabelecer programas eficazes de acompanhamento e promoção da saúde para estudantes de fisioterapia, visando prevenir o desenvolvimento de problemas de saúde ocupacional e garantir um ambiente de trabalho saudável no futuro^{6,4,5}. Essas iniciativas não apenas protegem a saúde dos estudantes, mas também contribuem para a

qualidade da prática profissional e o bem-estar geral da comunidade. Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar os agravos à saúde do estagiário de fisioterapia no contexto da promoção da saúde, destacando o papel da Universidade Promotora da Saúde.

MÉTODOS

Para a elaboração desta revisão de escopo, foram realizadas pesquisas abrangentes em português, inglês e espanhol, incluindo estudos relacionados às temáticas da promoção da saúde universitária e universidade promotora da saúde, utilizando-se das bases de dados online e de acesso público Google Acadêmico, *Scielo*, *Lilacs*, *Medline*, *Pubmed*, Portal de Periódicos CAPES e Cochrane Library. Os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) utilizados para a busca foram: "serviços de saúde universitários", "saúde do estudante", "estágio clínico" e "fisioterapeutas". Não se aplicou restrições quanto a períodos específicos de publicação ou desenho do estudo.

Após uma busca meticulosa entre outubro e dezembro de 2023, selecionou-se os estudos que ofereciam a melhor contribuição para o tema em questão. Além disso, examinou-se minuciosamente as referências bibliográficas dos estudos em questão para identificação de outras publicações relevantes, as quais pudessem enriquecer esta revisão.

Foram encontrados 51 estudos sobre a temática alvo, sendo incluídos 38 estudos de acesso livre (gratuito), e excluindo-se também 13 estudos considerados não relevantes para o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A promoção da saúde

A promoção da saúde e seus fundamentos na atenção primária à saúde introduziu o conceito de reformulação do modelo básico de atenção à saúde, determinando o marco de novos conceitos de geração de saúde agora baseados em fatores sociais e do cotidiano das comunidades e rotinas vivenciadas por profissionais da área. Esta nova modalidade de atenção à saúde seria agora a principal estratégia para a articulação dos conhecimentos baseados na interdisciplinaridade dos cuidados coletivos e empoderamento individual da saúde⁷.

Desde a implantação no Brasil do Sistema Único de Saúde (SUS), inúmeros estudos que debatem a relação da promoção da saúde e qualidade de vida das pessoas em comunidades que emergiram, porém, estudos e abordagens eficientes em populações específicas nesse aspecto, ainda caminham a passos vagos em direção a efetividade desse

tipo de intervenção, seja por questões políticas, interesses e restrições governamentais, ou pela ausência do próprio estímulo acadêmico das universidades em introduzir esse tipo de conceituação durante a formação universitária em saúde⁸.

Em estudos sobre a disseminação e caracterização das estratégias e políticas em promoção da saúde, observa-se que apesar de governos e agentes políticos ressaltam a importância da participação coletiva na promoção da saúde, pouco se percebe sobre a participação ou contribuição da comunidade nessa questão⁸.

Caracterizar e priorizar a promoção da educação em saúde em seus aspectos interdisciplinares, intersetoriais e comunitários, é o que destacamos aqui, nesse projeto, como um dos objetivos da área da promoção da saúde, na qual a participação dos indivíduos e instituições coletivas deve ser priorizadas, principalmente no que se refere à participação das instituições de ensino superior, já que essas podem ser locais de disseminação de conceitos nessa área, e também centros de incidência da problemática vivenciada pela comunidade ao redor ou que faz parte do corpo docente e discente da mesma⁷.

A universidade promotora da saúde

Como parte da busca por informações sobre a temática saúde universitária e a realização da revisão da literatura disponível em grande parte das bases de dados disponíveis, percebe-se até então, a escassez de estudos de programas de intervenção em promoção da saúde universitária direcionados, principalmente quanto à agravos e sintomas musculoesqueléticos, sendo observados em grande quantidade, apenas pesquisas que identificam fatores de agravos à saúde relacionados nesta população, sugerindo a realização de intervenções, mas sem prospecto ou avaliação continuada da eficiência destas abordagens^{9,10,11}.

Em contrapartida, também na análise da literatura disponível, ressalta-se a importância da atenção à saúde universitária em todo o mundo, os quais demonstram em resultados de estudos que o índice de agravos à saúde mental e física dessa população vem aumentando com o passar dos anos, chegando a patamares onde observa-se, na mais grave incidência, o suicídio e homicídio, a exemplo de países como os Estados Unidos, onde acadêmicos anualmente apresentam uma estigmatização de 11,4% com idealização suicida, 8,3% fazem planos suicidas e cerca de 1,7% chegam a tentar o suicídio⁹.

Observa-se também que apesar das instituições de ensino superior já possuírem um ou outro programa de saúde acadêmica, muitos destes não foram ainda avaliados ou rigorosamente instalados como métodos preventivos aos agravos à saúde desta

comunidade¹². Ainda nesse contexto, faz-se necessária a avaliação das características da população acadêmica envolvida na instituição de ensino superior e local, pois, em um país com uma divergência grande de etnias como o Brasil, essas características podem modificar-se entre uma ou outra instituição de ensino, quem dirá em nível mundial¹³.

Apesar da escassez, um exemplo de intervenção universitária que obteve resultados relevantes quanto à promoção da saúde se deu através de um programa de apoio à saúde mental dos estudantes de medicina durante a pandemia da COVID-19, no período de lock down, através da disponibilidade de uma plataforma virtual de assistência psicossocial, foi capaz de contribuir com a saúde mental destes acadêmicos, inclusive, ajudando-os a ajudar outras pessoas que necessitam¹⁴.

Destaca-se então a atenção à vida acadêmica, a qual na formação já pode obrigar o estudante a vivenciar e se expor a fatores preocupantes quanto à sua qualidade de vida física e mental, e que de forma tardia, também pode se estender a vida profissional futura, inclusive, podendo se tornar fatores determinantes para o abandono da profissão já no início da carreira, em consequência destes traumas ou patologias físicas e mentais instaladas desde a formação, herança essa que de certa maneira, ainda a ser melhor fundamentada, pode ser alterada pela promoção da saúde destes universitários¹⁵.

O contexto de saúde universitária

O ambiente universitário se transforma a cada década, evoluindo de acordo com a introdução de novas metodologias de ensino, formatos de aprendizagem inovadores, estímulo à convivência interdisciplinar, e adaptando-se também às novas gerações de estudantes que ingressam nesse ambiente. Em sua maioria, o ambiente universitário compõe-se de jovens em busca do aperfeiçoamento ou novos conceitos de formação para busca de uma profissão ou aprimoramento naquela em que já atuam¹⁶.

Essa miscigenação de indivíduos e desejos, torna o ambiente universitário um local de disseminação também, de vários aspectos sociais e formação de novos costumes e valores, os quais podem influenciar na vida futura desses personagens do conhecimento, afetando direta ou indiretamente também, sua saúde¹⁶.

O ambiente universitário é local de incidência de vários fatores de risco à saúde, apesar de, muitas vezes, esse mesmo local ser um ambiente de aprendizagem em saúde. Porém, como a maioria desses estudantes estão na fase de busca de novos conceitos, algumas situações rotineiras ao convívio social universitário, podem desencadear problemas de saúde para esses, seja no aspecto social, físico ou psicológico. Muitos estudantes adquirem

hábitos insalubres durante o período acadêmico, principalmente durante a graduação, como o início ou o abuso do álcool, tabagismo, outras drogas e alimentação inadequada, por exemplo¹⁷.

Fatores psicológicos também podem afetar a vida destes indivíduos, como o estresse gerado pela cobrança da formação, o medo da decepção dos pais ou familiares que se responsabilizam financeiramente em muitas situações, pela vida do estudante durante o período da graduação, ou da decepção amorosa que aflora nesse período e soma-se em algumas situações, ao estresse referente à conquista e cobrança anual de cada fase da formação acadêmica¹⁵.

Outros agravantes podem ser relatados por autores que já voltam sua atenção para a saúde dessa população universitária, inclusive, abordando aspectos físicos que podem ser prejudiciais de momento ou trazer futuramente, complicações para a saúde física desses personagens, como consequência de maus hábitos quanto a saúde física adotados durante o período universitário, como o sobrepeso ou problemas osteomioarticulares referentes, por exemplo, à postura ou não atenção quanto a realização de condutas necessárias à prática durante a graduação¹⁵.

Tem-se como exemplo estudos realizados com os estudantes da graduação em medicina, que não em menor intensidade podem sofrer com agravos à saúde também durante o desenvolvimento de sua vida acadêmica, onde os autores relatam, por exemplo, a incidência de altos transtornos psíquicos em acadêmicos (64%) como depressão e estresse¹⁵.

Outro estudo também relata que as características sociodemográficas dos estudantes de medicina, por exemplo, influenciam na incidência de agravos à saúde física e mental destes, onde relata-se que os estudantes mais jovens (17 a 24 anos de idade) estão entre os mais afetados pelo estresse, estando 61,59% destes na fase de resistência ou quase-exaustão, o que pode comprometer também a saúde física dos indivíduos afetados¹¹.

Destaca-se, portanto, dentro deste conceito, os graduandos em fisioterapia que desde o início da formação acadêmica, são introduzidos em conceitos e práticas em saúde geral, e que durante esta formação, principalmente no período de prática clínica, podem ser submetidos à sobrecarga emocional, além de outros fatores físicos associados, como riscos ergonômicos, durante o atendimento de pacientes¹⁸.

O universitário de fisioterapia

A atividade do trabalhador fisioterapeuta, em todas as áreas de atuação, pode ser realizada de forma intensa e de certa maneira, extenuante. Desde sua formação e mesmo em sua pós graduação, o fisioterapeuta se depara com um universo ativo, elaborado em atividades teóricas e práticas necessárias à sua formação e atuação profissional, não diferente de todas as áreas da saúde e de outras áreas trabalhistas. É de fundamental importância para o acadêmico de fisioterapia conciliar sua rotina de conhecimentos com as práticas envolvidas em sua formação, através do aperfeiçoamento de técnicas específicas ou atualização em novos conceitos que surgem a cada ano dentro da área da saúde com o avanço do conhecimento científico e tecnológico¹⁹.

Nesse período de formação de conhecimentos e preparação para atuação na área como profissional, mesmo precedendo a conquista de seu diploma e registro perante o conselho de classe, o acadêmico de fisioterapia já vivencia situações de fadiga física e mental. Essas situações, as quais já são vivenciadas por aqueles profissionais que estão no mercado, torna esse ambiente de formação também “alvo” de possíveis agravos à saúde física desses pré-profissionais, o que pode refletir em problemas instalados, mesmo antes da prática profissional da vida do futuro trabalhador fisioterapeuta¹⁹.

Humanizar a área da saúde é uma batalha travada há décadas, tanto pelos profissionais da área, quanto pelas instituições responsáveis em promover a melhora da saúde dos seus atendidos. Essa humanização do trabalho da saúde envolve não só o bom atendimento ao indivíduo, mas também, a resiliência e empatia por parte dos profissionais que os atendem, assim como, de todo o contingente envolvido nessa promoção²⁰.

A graduação em fisioterapia, por exemplo, já realiza esse esforço desde a formação acadêmica do fisioterapeuta, valorizando sempre o contato direto com o indivíduo necessitado, entendendo suas necessidades particulares, e também agindo com equidade em todas as suas áreas, no contexto social ao qual o indivíduo está inserido e a realidade vivenciada por seus entes queridos em decorrência do estado patológico ao qual esse se encontra²¹.

O fisioterapeuta deve abordar em seus atendimentos ou durante a elaboração do protocolo de atendimento ao indivíduo necessitado, todo o cuidado físico e psicológico para melhora de seu quadro, priorizando o cuidado específico, o contato próximo a esse e seus familiares, inclusive, atuando de forma interdisciplinar com os outros profissionais envolvidos na melhora da qualidade de vida do indivíduo²².

Observa-se então, que não são irrelevantes estes cuidados, pois, todos os procedimentos fisioterapêuticos envolvem carisma, boa dicção, prontidão física e mental do profissional, capacidade de raciocínio clínico e força física para alcançar o objetivo terapêutico para com

aquele indivíduo, e muitas vezes, também disponibilizando o aumento de sua carga horária de trabalho em prol dessa conquista¹⁸.

Porém, o ambiente universitário de formação do fisioterapeuta, já na própria prática clínica como estagiário, pode expor esses estudantes a fatores de riscos que podem comprometer a sua saúde física atual e futura, inclusive podendo levar ao abandono precoce da profissão pela herança física prejudicada já no período acadêmico¹⁸.

O estagiário fisioterapeuta

O estágio universitário em fisioterapia é regulamentado pelas resoluções do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Brasil, e deve fazer parte da formação obrigatória do acadêmico, correspondendo a 20% da carga horária total do curso, podendo chegar a até 1000 horas deste tipo de trabalho, já que o estágio também é considerado pela constituição brasileira como uma forma de trabalho remunerado ou não²³.

No Brasil ainda prevalece o modelo de reabilitação individual ensinado no ambiente universitário de formação do fisioterapeuta, mas que esse deveria na verdade, ser aproximado da área da promoção da saúde e comunidade já nesse ambiente. Quando realizada a escolha pela formação em fisioterapia e iniciado esse processo, o acadêmico de fisioterapia, desde cedo, percebe a necessidade de uma maior dedicação de sua vida rotineira, para agora à nova rotina de estudos²³.

Desde o início de sua formação, o acadêmico de fisioterapia passa pelo estágio, pelos conhecimentos teóricos e práticas clínicas realizadas, induzindo-se esse estudante a realizar atividades contínuas e à realização de tarefas que demandam esforço físico e mental. Tanto o manuseio de equipamentos assim como a realização de técnicas ou a rotina prática do aprendizado em fisioterapia, exigem do acadêmico determinados esforços físicos para que o desejo do paciente seja atendido e a conduta escolhida seja realizada de maneira favorável à boa saúde desse paciente¹⁸.

Nas últimas décadas, podemos observar uma evolução da procura pela formação em fisioterapia no e a importância dessa profissão para a abordagem em promoção da saúde, o que tem levado as instituições de ensino, a voltarem seu olhar para a adequada formação desse profissional, cada vez mais qualificado. Apesar de ser percebida essa importância da boa formação profissional do fisioterapeuta, um aspecto ainda não está relativamente evidenciado ou não se manifesta de maneira que promova a segurança em saúde desses acadêmicos, como a promoção da saúde dos universitários de fisioterapia, em específico¹⁸.

As universidades estão sim em busca de novos conceitos e metodologias para a diversificação do ensino em fisioterapia, para a formação de profissionais competentes e de concorrência no mercado de trabalho, valorizando assim “mercantilmente” a sua proposta de curso de graduação, mas que nos leva a uma questão sobre um outro aspecto que parece ser ainda, um tanto quanto omissa, como o caso da promoção da saúde universitária⁹.

É fato relatado por estudos que os estudantes de fisioterapia, inclusive os relatos, partem diretamente destes que já no período de estágio universitário ou prática clínica, estes estão sujeitos a situações de alto estresse físico, principalmente pela rotina de estágio estabelecida para o cumprimento da carga horária adequada, por exemplo¹⁸.

Ainda neste relato de experiência, o autor expôs que durante o período de estágio acadêmico, fatores como a habilidade na aplicação de técnicas e manuseio com o paciente, são fatores que influenciam diretamente na obtenção da média de aprovação no campo de estágio, o que aparenta ser um fator de “cobrança” física dos estudantes, necessária, mas que, já expõe estes a fatores de riscos ergonômicos¹⁸.

O autor relata também a rotina de horas de estágio, somada ao cansaço físico e cobrança pela boa conduta em fisioterapia durante esse período, foram fatores que contribuíram para o cansaço físico do estudante, o que nos pode transparecer uma certa “falta de tempo” para com a atenção de sua própria saúde física¹⁸.

A saúde do trabalhador fisioterapeuta

Atuar na área da fisioterapia é, sem dúvida, um dom compartilhado por aqueles profissionais que escolheram essa formação, independentemente do número de horas trabalhadas ou área, onde é percebido a dedicação e o entusiasmo desses para com sua profissão e aos indivíduos submetidos à suas mãos em busca da melhora da saúde²⁴.

Não só de dedicação vive o trabalhador fisioterapeuta, mas também, do esforço de sua própria saúde física e mental, visto que a demanda de atendimentos desse profissional atuante muitas vezes é alta^{25,26,5}.

Outro fator ocorre pela falta de mais profissionais contratados pela aquela ou outra instituição que o emprega, ou pela necessidade da realização de um grande número de atendimentos e excedente de carga horária trabalhada, para a manutenção de sua renda que, muitas vezes, é abalada pela baixa remuneração dos serviços prestados em termos de honorários fisioterapêuticos²⁷.

A pandemia da COVID-19 trouxe a tona a realidade exaustiva de muitos profissionais, principalmente da área da medicina que atuaram na linha de frente, mas também, expôs na mesma proporção a necessidade e importância da fisioterapia na atuação da equipe interdisciplinar, que não menos, trabalhou com a mesma exaustão²⁸.

Pode-se dizer que o trabalhador fisioterapeuta é multifuncional, pois, esse está presente e atuando nas mais diversas áreas da saúde e equipes de atenção à promoção da saúde, e inclusive, na formação acadêmica dos futuros profissionais da área²⁹.

Não o bastante, esse profissional atuante abraça sua profissão de maneira integral, enfrentando elevadas rotinas semanais de horas trabalhadas, obrigando-se sempre a assumir posturas corporais que, em tese, já são relatadas como causadoras de distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores, além da necessidade de concentração, compreensão dos casos clínicos atendidos e educação continuada, para manter-se atuante na área²⁹.

Diante desse quadro, percebe-se ainda o comprometimento psicossocial do trabalhador fisioterapeuta, pois, a sobrecarga de trabalho é considerada como um elemento desencadeante de estresse no trabalho, seja por fatores físicos ou mentais³⁰.

O equilíbrio entre condições e organização do trabalho, satisfação, entusiasmo, entre outras, são responsáveis por proporcionar uma boa saúde no trabalho, porém, se esse equilíbrio for afetado, compromete-se a saúde do trabalhador de maneira preocupante, predispondo-o ao aparecimento de patologias específicas que, inclusive, podem abalar o sistema nervoso desse trabalhador^{5,30}.

Dentre os trabalhadores e suas áreas, é relatado inclusive, que os da área da saúde os que apresentam a maior taxa de incidência de agravos à saúde física e mental, seguido pelos educadores, o que nos leva a pressupor que se a associação dessas duas atividades existirem na vida profissional de um indivíduo, o comprometimento se multiplica³¹.

Corriqueiramente, o trabalhador fisioterapeuta não possui as condições ideais para a realização do trabalho, necessitando muitas vezes da adaptação ou do adaptar-se ao ambiente, negligenciando por vezes a sua própria saúde, seja por consequências do ambiente físico ou psicológico, situação essa que se soma a grande diversidade de indivíduos atendidos, quando pensamos nas características biológicas de cada um desses³².

Estudos epidemiológicos internacionais realizados na Europa demonstram que existe uma taxa de cerca de 70% dos fisioterapeutas, em geral, acometidos por patologias osteomusculares em decorrência do trabalho. No Brasil essa ocorrência pode ser observada

em marcas de cerca de 60% de fisioterapeutas adoecidos em decorrência da sua dedicação ao trabalho³³.

Os fisioterapeutas podem ser, dentre os profissionais da área da saúde, os que manifestam maiores problemas posturais, devido a sua atividade de trabalho exigir, em prática, continuamente, a atuação do sistema musculoesquelético seja para manutenção de posturas físicas durante os atendimentos ou para a realização de movimentos repetitivos durante a aplicação de técnicas, ou ainda da sobrecarga proporcionada por indivíduos atendidos que diferenciam-se, muitas vezes, da individualidade biológica do próprio fisioterapeuta, ocasionando principalmente prejuízos para coluna vertebral e membros superiores desse trabalhador³⁴.

Mesmo que o fisioterapeuta conheça os riscos e agravos consequentes da prática de sua atividade trabalhista, estes trabalhadores estão expostos a vários tipos de agravo à saúde e suas consequências, pois nem sempre é possível prevenir o seu próprio adoecimento ou promover a sua saúde pessoal³⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se então a importância da atuação da universidade na promoção da saúde dos acadêmicos de fisioterapia. A implementação de programas de acompanhamento em saúde, focados na prevenção de agravos e na promoção do bem-estar físico e mental, torna-se essencial. A formação desses futuros profissionais não deve negligenciar a atenção às condições de trabalho desde o período acadêmico.

Entretanto, a promoção da saúde universitária, especificamente para os estudantes de fisioterapia, ainda carece de intervenções efetivas. A escassez de estudos e programas de intervenção nesse contexto é notável, apesar do aumento dos índices de agravos à saúde mental e física entre os universitários.

O ambiente universitário, apesar de ser um local de aprendizado em saúde, também se torna um espaço de riscos à saúde dos estudantes, com hábitos insalubres adquiridos durante a graduação. No caso específico dos estudantes de fisioterapia, a exposição a situações de alto estresse físico desde os estágios iniciais é uma realidade, comprometendo não apenas a formação acadêmica, mas também a saúde a longo prazo.

Em suma, a promoção da saúde para os estudantes e profissionais de fisioterapia deve ser uma prioridade. A implementação de programas de acompanhamento desde a formação acadêmica, a conscientização sobre a importância da saúde no trabalho, e a busca por

melhores condições profissionais são medidas cruciais. A atuação interdisciplinar, envolvendo instituições de ensino, empregadores e profissionais de saúde, é fundamental para criar um ambiente mais saudável e sustentável para a prática da fisioterapia.

REFERÊNCIAS

1. Marçal CCB, Heidemann ITS, Durand MK, Rumor PCF, Arakawa-Melaunde AM, Souza JM. Recursos Salutogênicos para Promoção da Saúde Vocal de Professoras. *Rev CEFAC*. 2021;23(3):1-11.
2. Jackson Filho JM, Assunção AA, Algranti E, Garcia EG, Saito CA, Maeno M. A Saúde do Trabalhador e o Enfrentamento da COVID-19. *Rev Bras Saúde Ocup*. 2020;45(14):1-3.
3. Souza TS, Saldanha JHS, Mello IM. As relações de trabalho dos fisioterapeutas na cidade de Salvador, Bahia. *Saúde Soc. São Paulo*. 2014;23(4):1301-15.
4. Souza DO, Abgaro CP. A Uberização do Trabalho em Saúde: expansão no contexto da pandemia de Covid-19. *Trab Educ Saúde*. 2021;19:1-15.
5. Santos WV, Rosa IAS, Santos GS, Resende J, Pernambuco AP, Chaves CMC. Estudo do Perfil e da Satisfação Profissional do Egresso de Fisioterapia de uma Instituição Privada de Ensino Superior de 2003 a 2014. *Rev Interdisciplinar Ciências Médicas*. 2017;1(2):16-25.
6. Guo JG, Wittemore R, He GP. Factors that influence health quotient in Chinese college undergraduates. *J Clin Nurs*. 2010;19:145-55.
7. Malta DC, Neto OLM, Silva MMA, Rocha D, Castro AM, Reis AAC, Akerman M. Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): Capítulos de uma Caminhada ainda em Construção. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2016;21(6):1683-94.
8. Prado NMB, Santos AM. Promoção da Saúde na Atenção Primária à Saúde: Sistematização de Desafios e Estratégias Intersetoriais. *Saúde Debate*. 2018;42(1):379-95.
9. Harrod CS, Goss CW, Stallones L, Diguseppi C. Interventions for primary prevention of suicide in university and other post-secondary educational settings (Review). *Cochrane Database of Systematic Reviews*. 2014.
10. Conceição LS, Batista CB, D Maso JGB, Pereira BS, Carnieli RC, Pereira GS. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. *Avaliação*. 2019;24(03):785-802.
11. Estrela YCA, Rezende ACC, Guedes AF, Pereira CO, Sousa MNA. Estresse e correlatos com características de saúde e sociodemográficas de estudantes de medicina. *Rev CES Med*. 2018;32(3):215-25.
12. Kunzler AM, Helmreich IJ, Chmitorz A, Wessa M, Binder H, Lieb K. Psychological interventions to foster resilience in healthcare students (Review). *Cochrane Database of Systematic Reviews*. 2020;7.
13. Rocha FS, Santana EB, Silva ES, Carvalho JSM, Carvalho FLQ. Uso de Apps para a Promoção dos Cuidados à Saúde. *Seminário De Tecnologias Aplicadas Em Educação E Saúde, 3. Anais [...]*. Bahia, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/3832>. Acesso em: 12 mai. 2021.

14. Kazeroon A, Amini M, Tabari P, Moosavi M. Peer mentoring for medical students during the COVID-19 pandemic via a social media platform. *Med Educ.* 2020;54(8):762-3.
15. Foxcroft DR, Moreira MT, Almeida Santimano NM, Smith LA. Social Norms Information for Alcohol Misuse in University and College Students (Review). *Cochrane Database of Systematic Reviews.* 2015.
16. Franca C, Colares V. Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. *Rev Saúde Pública.* 2008;42(3):420-7.
17. Mendonça AKRH, Jesus CVS, Lima SO. Fatores Associados ao Consumo Alcoólico de Risco entre Universitários da Área da Saúde. *Rev Bras Educ Méd.* 2018;42(1):202-13.
18. Lima ES. Potencialidades e Desafios de um Estágio Curricular Obrigatório em Fisioterapia: Percepções de um Estagiário. *Rev Docência Ens Sup.* 2020;10.
19. Carrillo MP. Evaluación de Riesgos Laborales del Área de Fisioterapia de un Centro de Salud del Servicio Murciano de Salud [dissertação]. Universidad Miguel Hernández. Valencia. 2018. Disponível em: <http://dspace.umh.es/bitstream/11000/6085/1/PARRA%20CARRILO%2c%20MARIANO%20TFM.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.
20. Mondadori AG, Zeni EM, Oliveira A, Silva CC, Volf VLW, Taglietti M. Humanização da fisioterapia em Unidade de Terapia Intensiva Adulto: estudo transversal. *Fisioter Pesqui.* 2016;23(3):294-300.
21. Furtado TKM. Análise Ergonômica da Formação de Estudantes de Fisioterapia de Uma Universidade Brasileira: Uma Proposta de Prevenção de Ler/Dort [dissertação]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26981/1/An%c3%a1liseergon%c3%b4micaforma%c3%a7%c3%a3o_Furtado_2018.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.
22. Assis JCL, Arruda GMM, Bezerra MIC, Vasconcelos TBA. A Vivência de um fisioterapeuta em uma residência multiprofissional: desafios e possibilidades. *Rev APS.* 2017;20(2):279-87.
23. Motter AA, Vieira LA, Bertola IP, Ferreira MP. Sentimentos Vivenciados por Acadêmicos de Fisioterapia ao Estagiar em Unidade de Terapia Intensiva. *Cad Edu Saude e Fis.* 2014;12(2):73-84.
24. Moya APL, Ballestas FL, Orjuela MMS. Desórdenes Musculoesqueléticos en Fisioterapeutas. Universidade CES. Bogotá. 2019.
25. Salles FLP. Estresse e Satisfação no Trabalho em Fisioterapeutas. In: Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho, 18. Anais [...]. Vitória;ES, 2016. p. 1-9. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309204885>. Acesso em: 05 abr. 2021.
26. Salles FLP. A Relação entre Resiliência, Satisfação no Trabalho e Estresse de Fisioterapeutas Brasileiros. Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho, 19 ed. 2017.
27. Nascimento CP, Miranda VC, Ferreira JB, Morais KCSS. Síndrome de Burnout em Fisioterapeutas Intensivistas. *Rev Pesquisa em Fisioterapia.* 2017;7(2):188-98.
28. Apalhão V, Apalhão M. Impact of COVID-19 on Physical Therapist Practice in Portugal. *Phys Ther.* 2020;100(7):1052-3.
29. Costa LMSF. Cuidar do Trabalho de quem Trabalha para cuidar: O Menos Visível do Trabalho e sua Repercussão na Saúde dos Fisioterapeutas [tese]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/102447/2/178682.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

30. Lisboa LPC, Santos CLC, Barbosa GB, Júnior DFM, Metzeker CAB, Moraes LFR, Pereira LZ. O Fisioterapeuta e o Estresse no Trabalho: estudo em um hospital filantrópico de Belo Horizonte-MG. *Rev Gestão & Tecnologia*. 2021;12(3):174-96.

31. Koch MO. Estresse físico e mental em fisioterapeutas e equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva. *R Interd*. 2019;12(1):23-31.

32. Messias IA, Okuno E, Calacioppo S. Exposição ocupacional de fisioterapeutas aos campos elétrico e magnético e a eficácia das gaiolas de Faraday. *Rev Panam Salud Publica*. 2011;30(4):309-16.

33. Silva GJP, Ferreira PAM, Costa RP, Jesus SFC, Gondim LAR, Ferreira PR. Danos à saúde relacionados ao trabalho de fisioterapeutas que atuam em terapia intensiva. *ASSOBRAFIR Ciência*. 2016;7(2):31-44.

34. Siqueira GR, Cahú FGM, Vieira RAG. Ocorrência de lombalgia em fisioterapeutas da cidade de Recife, Pernambuco. *Rev Bras Fisioter*. 2008;12(3):222-7.

35. Lima ES. Potencialidades e Desafios de um Estágio Curricular Obrigatório em Fisioterapia: Percepções de um Estagiário. *Rev Docência Ens Sup*. 2020;10.

CONTATO

Henrique Nogaroto: zenrinogaroto@gmail.com